

Documentos provocam pânico no Congresso

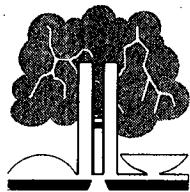
O presidente da comissão, Jarbas Passarinho, reconheceu que a situação era grave, e Bisol foi com o líder do governo, Pedro Simon, avisar Itamar do que fora encontrado nos papéis da Odebrecht

BRASÍLIA — Foi um dia de medo, muito medo, no Congresso. Antes das 10 horas, o presidente da CPI do Orçamento, senador Jarbas Passarinho, convocou a seu gabinete o relator Roberto Magalhães (PFL-PE), para informar que o coordenador da subcomissão de evolução patrimonial, senador José Paulo Bisol (PSB-RS), tinha em mãos um documento obtido na Construtora Norberto Odebrecht que poderia mudar os rumos das investigações.

Magalhães saiu da sala procurando não demonstrar o que estava ocorrendo, enquanto Passarinho rumou para a casa do senador Bisol, que estava reunido com os deputados Aloízio Mercadante (PT-SP) e Sigmaringa Seixas (PSDB-DF). Passarinho, ao voltar, recomendou: "A situação é grave, temos de ter cuidado."

Passarinho disse que, pelo relato de Bisol, dezenas de parlamentares estavam implicados com as empreiteiras. Alguns, de forma total; outros, por receberem mensalidades e outros, brindes durante a campanha eleitoral.

Às 15 horas, Bisol e o líder do governo no Senado, Pedro Simon (PMDB-RS), foram ao Palácio do Planalto, em meio aos rumores de que até o presidente Itamar Franco estaria na lista. Bisol disse que foi apenas informar Itamar sobre a gravidade dos dados constantes nos documentos da Odebrecht. O presidente teria ouvido tudo atentamente e dito: "Não vou interferir nem promover a fujimorização."



"O clima é de guerra", afirmou o deputado Sigmaringa Seixas. Comentários sobre os nomes que constariam nos documentos aumentavam a paranoia a cada minuto. Bisol não procurava melhorar nem um pouco o clima. Alardeou que estava de posse da "descoberta mais importante da História do Brasil" e que se corria até o risco de um golpe de Estado. Isto porque, segundo ele, as empreiteiras estão enraizadas em postos chaves da administração direta e indireta. Mais tarde, surgiram rumores de que os ministros militares teriam realizado uma reunião com o objetivo de dar sustentação política ao presidente.

"Ofereço CR\$ 1 milhão para cada CR\$ 1,00 que tenha recebido da Odebrecht e CR\$ 1 milhão para cada CR\$ 1,00 que tenha pedido à mesma empresa", desafiou o relator da CPI, Roberto Magalhães. O deputado Fernando Diniz (PMDB-MG), que foi sub-relator do Orçamento do Departamento Nacional de

Estradas de Rodagem (DNER) em 1992, afirmou que nunca tinha visto um clima tão ruim no Congresso. "A gente olha para o rosto dos colegas e parece que viraram fantasmas." O deputado ficou o tempo todo perto da sala onde funciona a CPI. Afinal, fez parte de um dos setores mais suspeitos do Orçamento da União.

O deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA) preferiu o contra-ataque e, no corredor da CPI, passou a responder a todas as perguntas que lhe faziam.

**A GENTE
OLHA PARA O
ROSTO DOS
COLEGAS E
PARECE QUE
VIRARAM
FANTASMAS**